

O Porto patriota e liberal em *Whispering* (1995) e *Caterina* (1999), de Jane Aiken Hodge (1917-2009)

Miguel Alarcão

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – CETAPS

Citation: Miguel Alarcão. “O Porto patriota e liberal em *Whispering* (1995) e *Caterina* (1999), de Jane Aiken Hodge (1917-2009).” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 9, n.º 2, 2020, pp. 43-52. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>.

Abstract

In 2007, within the framework of the bicentennial commemorations of the Peninsular War on Portuguese soil, we presented the novel *The Winding Stair* (1968), by Jane Aiken Hodge, a prolific Anglo-American authoress, although largely unknown among us; at the time, we were also seeking to correlate *The Winding Stair* with the accounts and images, often prejudiced and stereotyped, conveyed by travel literature/writing. However, Jane Hodge has authored over thirty novels, two of which bound to be of interest to Anglo-Portuguese literary and cultural studies: *Whispering* (1995), set in Oporto at the time of the Peninsular War, and its sequel, *Caterina* (1999), during the Portuguese liberal and civil wars. This article is therefore dedicated to them both.

Keywords: Jane Aiken Hodge; *Whispering*; *Caterina*; historical fiction; Peninsular War; liberal wars

Resumo

Em 2007, no âmbito das comemorações bicentenárias do início da Guerra Peninsular em solo português, tivemos oportunidade de apresentar *The Winding Stair* (1968), de Jane Aiken Hodge, uma autora anglo-americana bastante prolífica, mas pouco conhecida entre nós; na altura, procurámos anda relacionar *The Winding Stair* com o contributo global de testemunhos e imagens, muitas vezes preconceituosos e estereotipados, transmitidos pela (ou através da) literatura/escrita de viagens. Contudo, Jane Hodge tem a seu crédito mais de trinta romances, entre os quais dois outros com interesse para os estudos literários e culturais anglo-portugueses: *Whispering* (1995), centrado no Porto contemporâneo da Guerra Peninsular, e a sua sequela, *Caterina* (1999), já em plenas guerras liberais. É, pois, a ambos que dedicamos este artigo.

Palavras-chave: Jane Aiken Hodge; *Whispering*; *Caterina*; ficção histórica; Guerra Peninsular; guerras liberais

Em 2007, no âmbito das comemorações bicentenárias do início da Guerra Peninsular em solo português, tivemos a oportunidade de apresentar o romance *The Winding Stair* (1968), de Jane Aiken Hodge, uma autora anglo-americana bastante prolífica, mas relativamente pouco conhecida entre nós;¹ na altura, procurámos ainda relacionar *The Winding Stair* com o contributo global de testemunhos e imagens, muitas vezes preconceituosos e estereotipados, transmitidos pela (ou através da) literatura/escrita de viagens. Das palavras então proferidas recordamos as seguintes:

Impõe-se . . . uma chamada de atenção para alguns elementos que permitem aproximar *The Winding Stair* da literatura de viagens produzida por estrangeiros que, animados por objectivos e motivações heterogéneos, por aqui passaram ou aqui permaneceram, com maiores ou menores delongas, a partir de meados do século XVIII. Na verdade, além do aproveitamento ficcional do *topos* da viagem, indutora de confrontos nem sempre conscientes, explicitados e assumidos entre o Eu e o Outro, Jane Hodge nomeia espaços frequentemente visitados e referidos pelos autores-viajantes, se bem que o modo ou registo descritivo seja claramente preterido face à narração e aos diálogos; (Alarcão 581)

Há também que tomar em linha de conta a identificação de traços e o registo de apontamentos civilizacionais ou culturais . . . do Portugal dos finais do *Ancien Régime*, o que . . . pode indic(i)ar a consulta e leitura de relatos e diários de viagem, correspondência, etc., por parte de Jane Hodge. (*Ibidem* 582)

À semelhança do que frequentemente sucede nos textos que integram a literatura de viagens, os conhecimentos linguísticos de Jane Hodge são . . . bastante limitados, cingindo-se a formas de tratamento e cumprimento, exclamações de raiz religiosa e substantivos comuns, por vezes grafados de modo incorrecto Apesar de algumas inconsistências deste tipo, *The Winding Stair* é, em síntese, uma obra imaginativa e de leitura agradável, situada na encruzilhada de diferentes subgéneros, modalidades e convenções da ficção popular (narrativa histórica, romance cor-de-rosa e *thriller* enegrecido por elementos góticos) e à qual o apelo a mitos e o apoio em estereótipos portugueses conferem uma relevância documental acrescida. (*Ibidem* 583-4)

Paralelamente, numa nota prospetiva, lembrávamos que:

. . . Jane Hodge tem a seu crédito mais de trinta romances, entre os quais dois outros com presumível interesse para os estudos literários e culturais anglo-portugueses . . . *Whispering* (1995), centrado no Porto contemporâneo da Guerra Peninsular, e a sua sequência, *Caterina* . . . (1999), já em plenas guerras liberais . . . , o que convida ou mesmo desafia os investigadores desta área à (re)constituição de eventuais roteiros de leituras e visitas ‘portuguesas’ desta autora . . . (Alarcão 573)

Antes de uma breve apresentação conjunta de *Whispering* e *Caterina*, cumpre notar que neste intervalo cronológico (1807-1834) pontificam a invasão de Soult (1809), incidindo justamente no Norte do país; a revolução liberal (1820), qual “Ipiranga portuguesa” contra a tutela britânica, e, por último, o célebre cerco do Porto (1832-1833), de tão históricas e românticas memórias.² Perante espaços-tempos como estes, um possível cronótopo³ de *Whispering* e *Caterina* seria, pois, o de um Porto “onde a eterna mocidade/diz à gente o que é ser forte e leal”, tal como celebrado no hino oficial do Futebol Clube do Porto, um dos seus ícones incontornáveis; uma cidade e uma região arreigadamente ligadas a (auto-)imagens de devoção e amor a uma “Liberdade querida e suspirada”, como diria Bocage, e a exemplos de heroicidade, patriotismo e resistência,⁴ mas não raro desvalorizadas ou subalternizadas face a Lisboa, sentimento ainda muito presente no plano e no discurso político-administrativos e empresariais, como sabemos. Ao evocar a ocupação francesa e a tragédia da ponte das barcas (1809), *Caterina*, a carismática protagonista de ambos os romances, exprime assim a sua revolta:

The Portonians were the first to revolt against the French after they invaded the year before. They freed themselves, under . . . their Bishop [⁵], while that lazy crew down in Lisbon waited for the British to come and free them.’ She turned on Jeremy. ‘And then you defended Lisbon, and let Porto go hang’ What about Sir Robert Wilson and his loyal Lusitanian legion? Where were they when Porto needed them? Enrolled there, trained there, and then marched away into the mountains - ‘. . . I just hope you British are valuing the place a bit more highly now, . . . , but I doubt it. No lines of Torres Vedras for Porto; we must make shift to defend ourselves. (*Whispering* 23-4)⁶

Uma página web dedicada a Jane Hodge evoca sucintamente os enredos das duas obras, também reproduzidos nas respetivas badanas:

When teenage Caterina Gomez returns from England to Portugal, she comes back to a beloved homeland, a distant father, and a scandalous past. Traveling with Caterina

are her cousin Jeremy Craddock, a young Englishman seeking a cure for his ill health, and her . . . friend Harriet Brown, . . . on the run from an arranged marriage. This . . . trio arrives in a Portugal rife with tension, for the country is at war with France, and Oporto, recently liberated, is a city in ruins and full of bitter memories. Caterina's hopes for happiness are . . . frustrated, for her father seems determined to see her married or in a convent. Then the note arrives, a voice from the past that . . . send[s] Caterina into the center of political and romantic intrigue. Drawn into the tangled web that binds the Portuguese and English communities . . . in an uneasy alliance, she discovers that no one is quite what he seems. Characterized by . . . Hodge's trademark blend of historical detail and adventure, *Whispering* tells the story of a young woman's search for truth and independence in a society that wants to deny her both. (FantasticFiction)

Por sugestiva que seja esta sinopse, na qual nos apoiaremos como útil ponto de partida para uma abordagem geral ao romance, há algo de previsível e cristalizado nas referências a um clima benigno e terapêutico, a um “pai tirano” e à alternativa “casamento ou convento”, para já não falar, tal como em *The Winding Stair*, da sistemática castelhanização de nomes e apelidos (“Caterina Gomez”) e de lexemas comuns (“siesta”, por exemplo), além de frequentes incorreções ortográficas (“scudo”, “minho senhor”, etc.).

Whispering e, em menor grau, *Caterina* recuperam e reproduzem traços, temas e tópicos recorrentes na escrita de viagens setecentista e oitocentista como o catolicismo censório, tentacularmente enraizado na patriarcal sociedade portuguesa; a presença de religiosos, incluindo os adstritos a casas particulares; a gastronomia, com a inevitável referência ao alho;⁷ os níveis de ruído;⁸ o gosto pela coscuvilhice e propagação de boatos;⁹ o hábito de cuspir para o chão; o elevado número de pessoas de origem africana; a mendicidade;¹⁰ a estreiteza e sujidade das ruas;¹¹ a degradação dos prédios; a inexistência ou o péssimo estado das estradas, etc. Nestas narrativas onde as descrições paisagísticas, infelizmente, não abundam,¹² as notações monumentais (o Forte de S. Francisco Xavier, vulgo “Castelo do Queijo”, a Torre dos Clérigos, a Igreja e o Convento de S. Francisco, a Sé Catedral,¹³ o Palácio dos Carrancas¹⁴...), institucionais e comerciais (Hospital de Santo António,¹⁵ Feitoria Inglesa, Mercado¹⁶...) e toponímicas (Rua Nova dos Ingleses,¹⁷ Rua de Santo António,¹⁸ Rua de Santa Catarina, Rua das Cangostas,¹⁹ o bairro da Sé²⁰...), bem como as alusões ao rio Douro e aos buliçosos cais do Porto e de Gaia, ajudam a compor o espaço urbano ficcionalizado.

Um ponto digno de registo é a associação de Luiz de Fonsa y Sanchez, o amante juvenil de Caterina Gomez, ao movimento conspiratório de D’Argenton contra

Napoleão (*Whispering* 80-1 e 122).²¹ *Whispering* aflora, aliás, o caráter controverso do regime e da governação napoleónicas, integrando-os numa reflexão geral sobre o relativismo das noções de tirania:

Brought up to think of Napoleon as . . . the devil incarnate, she [Caterina] could hardly believe her eyes when she read of him as a great reformer, a man who had set France on its feet after years of misgovernment and tyranny. The odd thing was that, back in England, she had thought all this nonsense, another instance of English eccentricity carried almost to the point of madness. But now she was at home . . . in Portugal, with what she sadly recognized as misgovernment and tyranny all around her. Was everything different, or was she seeing it with different eyes? There must be something wrong with a system where a whole household held its breath in terror because of two men, her father and his confessor. She had thought the rule of her convent in England had been tyrannical; now she realized that she had had no idea what tyranny was. She had thought the poverty she had seen in Bath was abject and horrible, but that too was nothing compared to the deprivation here in her own country. If Luiz had taken sides with the French in the hope of giving the starving poor a voice, she could only sympathise with him (*Whispering* 69)

Espreitemos agora o resumo do segundo romance:

Having survived scandal and the disdain of many . . . , Caterina is now the mistress of her household, and the talented artist behind a successful series of cartoons. But her hard-won independence is far from secure. The political turmoil following Napoleon's invasion of Portugal . . . has left a vacuum of power and a dangerous climate for liberal freethinkers like Caterina. When her son Lewis joins in the . . . fray, Caterina is drawn in as well - and while painting the portrait of a powerful political figure, she embarks on a dangerous new career. She must summon all of her strong will and courage to survive the spinning tornado of political intrigue and lies . . . - and to face a past she thought she had left behind forever. (FantasticFiction)

Ao contrário de *Whispering*, *Caterina* é antecedido de uma breve nota (5-6), elencando alguns factos políticos e militares e defendendo a ideia, ficcionalmente sugestiva, mas historicamente discutível, que a pacificação da vida política portuguesa só viria a ocorrer após a morte de D. Miguel (1866). Várias personagens exprimem, aliás, apreensão face à fraticida guerra civil, prevendo que as feridas e clivagens por ela abertas e dela decorrentes irão subsistir por largos anos na sociedade portuguesa; segundo Luiz, por exemplo: “There is going to be no peace here in Portugal for years

to come; these two idiotic brothers have lit a fire they will find it hard to put out” (*Caterina* 194).

Se *Whispering* é, de alguma forma, dominado por um clima de tensão e expectativa, face à incerteza sobre as movimentações de Wellington e Marmont em 1811, após Torres Vedras, *Caterina* abre praticamente com a notícia do desembarque no Mindelo (Julho de 1832) e a entrada no Porto do exército liberal, que integra o jovem Lewis e Almeida Garrett.²² São feitas diversas alusões ao debate estratégico sobre a permanência na cidade ou a marcha imediata para Lisboa,²³ prevalecendo a primeira opção, o que viria a desencadear o cerco miguelista de 1832-1833 (Ventura 57-97). Nesse contexto, é interessante verificar que, apesar da presença do mitema sebastianista, cantado por uma personagem secundária (Jenny Forbes)²⁴ e desenhado por Caterina,²⁵ as sugestões de um “providencialismo” diplomático e sobretudo militar favorecem, respetivamente, dois eminentes aristocratas liberais, nem sempre em sintonia: os futuros duques de Palmela e Saldanha.²⁶

Tanto em *Whispering* quanto em *Caterina*, o leitor depara-se (como é, aliás, usual na ficção de Hodge) com uma sucessão de peripécias de desfecho imprevisível, onde as ações de espionagem e contraespionagem, as falsas identidades e as conspirações e os interesses políticos, comerciais e patrimoniais se cruzam com motivações amorosas, em períodos de reconhecida instabilidade e turbulência histórico-militares. Em ambas as obras, os ingleses são objecto de críticas, seja pela selectividade “endogâmica” das suas relações socioprofissionais,²⁷ seja pela subordinação das ações de defesa, protecção ou libertação de Portugal aos superiores interesses britânicos.²⁸

Se a explicação toponímica Porto vs. Oporto é dada por Jeremy Craddock a Harriet Brown,²⁹ a importância do chamado “vinho do Porto” encontra-se patente na proliferação de apelidos britânicos associados à comercialização (Croft, Sandeman, Taylor, etc.); nas opções de investimento;³⁰ na decisão avisada do filho de Harriet, o jovem Frank Ware, de retirar e transportar tonéis dos armazéns de Vila Nova de Gaia (*Caterina* 18) ou na própria constituição dos *stocks* vinícolas como uma “garantia” ou “fiança” da causa liberal para a obtenção de um empréstimo por parte da Grã-Bretanha (*Ibidem* 49, 113, 167-8 e 175). Assim, na obra anónima *Liberais e Miguelistas*, é-nos dito que: “A 22 e 24 de Outubro [de 1832] realizou D. Pedro algumas surtidas para se apoderar das fartas reservas de vinho do Porto que se achavam em Vila Nova, o que, valendo alguns milhares de libras, viria tirar as finanças liberais das dificuldades em que se encontravam” (215). Por sua vez e já com o cerco miguelista em fase terminal, António Ventura menciona “. . . a destruição pelo fogo,

ordenada a 16 de Agosto de 1833, . . . de vários armazéns de Gaia, onde pereceram 17.374 pipas de vinho fino e 533 pipas de aguardente” (97).

Por último, as autodesignações de *Whispering* e *Caterina* como *A Novel* podem suscitar a seguinte dúvida: deveremos tomar estas narrativas por romances históricos (*Historical novels*) ou novelas históricas (*Historical romances*) com elementos românticos ou romances românticos (*Romantic novels*) ou novelas românticas (*Romantic romances*) com elementos históricos? A avaliar pelo conhecimento limitado que temos da ficção de Hodge, inclinar-nos-íamos para a segunda hipótese, mas trata-se de uma questão estrutural e taxonómica que deixaremos deliberadamente em aberto e sobre a qual permanecem relevantes as pragmáticas observações de Jorge de Sena, num ensaio direcionado, aliás, para a própria literatura inglesa.³¹

Do mesmo modo, e no âmbito comparatista, seja ele intraliterário (anglicista) ou interliterário (anglo-português), falta investigar como a representação, por um lado, da sociabilidade da média e alta burguesia portuense, através de visitas de cortesia ou negócios, bailes e receções, e, por outro, a construção de tramas amorosas e (des)enlaces matrimoniais atestam a presença e influência tutelares, na ficção de Hodge, de uma outra Jane (Austen), biografada, aliás, pela autora em apreço e contemporânea de uma das principais épocas históricas selecionadas por Hodge para efabulação narrativa.³²

Obras Citadas

Alarcão, Miguel. “Waiting for Junot: os Filhos da Estrela e a Serra da Lua”. *A Guerra Peninsular: Perspectivas Multidisciplinares*, ed. por Maria Leonor Machado de Sousa (Actas do Congresso Internacional e Interdisciplinar evocativo da Guerra Peninsular / XVII Colóquio de História Militar - “Nos 200 Anos das Invasões Napoleónicas em Portugal”, co-organizado pela Academia Portuguesa da História, pelo Centro de Estudos Anglo-Portugueses e pela Comissão Portuguesa de História Militar). Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA, 2008, vol. I, pp. 573-86. Disponível também em <http://run.unl.pt/handle/10362/14984>.

Almeida, A. Duarte de (dir). *Liberais e Miguelistas, 1817-1834*. João Romano Torres & C^a, “Portugal Histórico”, 1971.

Bakhtin, M. M. “Forms of Time and of the Chronotope in the Novel. Notes toward a Historical Poetics.” *The Dialogic Imagination. Four Essays*. University of Texas Press, “University of Texas Press Slavic Series”, n.º 1, 2014, pp. 84-258 (1981).

David Higham Associates. www.davidhigham.co.uk/html/Clients/Jane_Aiken_Hodge. Acesso em 05.10.2007.

FantasticFiction. <http://www.fantasticfiction.co.uk/a/jane-aiken-hodge>. Acesso em 20.09.2020.

Hodge, Jane Aiken. *Caterina. A Novel*. St. Martin's Press, 1999 (Robert Hale Ltd.).

---. *Only a Novel: The Double Life of Jane Austen*. Agora Books, 2019 (Coward, McCann & Geoghegan, 1972).

---. *Whispering. A Novel*. St. Martin's Press, 1995 (John Murray Publishers Ltd.).

---. *The Winding Stair*. Coronet Books/Hodder Paperbacks Ltd., 1972 (1968).

Owen, Hugh. *O Cerco do Porto*. Prefácio e notas de Raul Brandão. A Regra do Jogo, Edições, "Releer", n.º 3, 1985 (Renascença Portuguesa, 1915).

Sena, Jorge de. "Sobre romance e novela, com referência especial à literatura inglesa". *Sobre o Romance*. Edições 70, "Obras de Jorge de Sena", 1986, pp. 63-77.

Ventura, António. *As Guerras Liberais 1820/1834*. Academia Portuguesa da História/QuidNovi, "Guerras e Campanhas Militares, 2008.

1 "She enjoys the borderland between mystery and novel, is pleased to be classed as a feminist writer, and is glad that there is neither a glass ceiling nor a retiring age in the writers' world." (http://www.davidhigham.co.uk/html/Clients/Jane_Aiken_Hodge)

2 No âmbito dos Estudos Anglo-Portugueses, impõe-se uma referência particular a Hugh Owen, cuja obra Raul Brandão prefaciou.

3 "We will give the name *chronotope* [literally, 'time-space'] to the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships . . . artistically expressed in literature. . . . In the literary artistic chronotope, spatial and temporal indicators are fused into one carefully thought-out, concrete whole. Time, as it were, thickens, takes on flesh, becomes artistically visible; likewise, space becomes charged and responsive to the movements of time, plot and history. This intersection of axes and fusion of indicators characterizes the artistic chronotope." (Bakhtin 84); "A literary work's artistic unity in relationship to an actual reality is defined by its chronotope." (*Ibidem* 243); "They are the organizing centres for the fundamental narrative events of the novel. The chronotope is the place where the knots of narrative are tied and untied. It can be said . . . that to them belongs the meaning that shapes narrative." (*Ibidem* 250)

4 Veja-se também o seguinte passo, extraído ainda do hino do Futebol Clube do Porto: "Quando alguém se atrever a sufocar/O grito audaz da tua ardente voz/Oh, Oh, Porto, então verás vibrar/A multidão num grito só de todos nós".

5 D. António de São José de Castro (1741-1814), Bispo do Porto entre 1798 e 1814.

6 O pai de Caterina, Sr. Gomez, e o seu confessor, Pe. Pedro, encaram Wellington como ". . . a do-nothing Indian general who had retired . . . to sulk behind the lines of Torres Vedras, leaving the town of Coimbra to its fate" (*Whispering* 44).

7 "Powerful odours of stew, salt cod, tomato and garlic were coming from the kitchen . . ." (*Caterina* 28). No mesmo romance, as provisões para a eventualidade de um cerco miguelista ao Porto incluem "salt cod and rice, flour and sugar, garlic and onions, and great sides of home-cured pork hanging from their hooks in the cool dark storeroom" (*Ibidem* 96).

8 "The quay rocked under Jeremy's feet. His carefully learned Portuguese seemed useless against this barrage of noise as men in red caps and women in flat black hats swarmed on and off the ship, carrying luggage, shouting greetings, stinking of garlic and something else he could not place." (*Ibidem* 26)

9 Os exemplos multiplicam-se, sobretudo em *Whispering*, justificando o título da obra: “gossip-ridden Oporto” (*Ibidem* 65); “Porto is full of rumours, always” (*Ibidem* 111); “Porto is full of whispers” (*Ibidem* 141), “Oporto leaked like a sieve” (*Ibidem* 174); “Oporto’s busy tongues” (*Ibidem* 191), “Oporto and its thousand eyes and ears” (*Ibidem* 192), etc. No caso de *Caterina*, cf. 106 e 138.

10 “She [Caterina] shouted something fierce in Portuguese at a group of ragged children. ‘Don’t give them anything, . . . you’ll have the whole quarter on our heels.’

‘But they look so wretched,’ said Harriet. ‘I thought I knew what hunger looked like, but this is worse than anything... Even the pigs look starving.’” (*Whispering* 33)

11 “A Londoner, Jeremy Craddock thought he was used to city streets, but nothing had prepared him for the noise and filth of Oporto’s narrow, steeply climbing lanes. . . . The noisome alley that they were climbing seemed to be shared equally by pigs, hens and ragged children.” (*Ibidem* 32-3)

12 Uma das poucas exceções é a seguinte descrição dos jardins da família Gomez: “Having settled Harriet in her room, Caterina put on a wide-brimmed hat and went out by a side door into the gardens. Drifting, apparently aimlessly, from terrace to terrace, she worked her way gradually down towards the lowest level where, in winter, a roaring stream plunged down the narrow gorge to the river. The terraces got rockier and less well cultivated as she descended, degenerating at last into a tangle of vine and jasmine and myrtle bushes, The garden had evidently been allowed to go back to jungle while she was in England. At first she thought the way down from the lowest of the cultivated terraces had been blocked off, but when she reached the seaward end she found the beginnings of the narrow path that led on down” (*Ibidem* 39).

13 Jeremy Craddock considera-a “A gloomy building.” (*Ibidem* 177)

14 Também conhecido por Palácio das Carrancas, serviu de residência a Soult, Wellington e D. Pedro IV, albergando actualmente o Museu Nacional Soares dos Reis.

15 “[Fala de Harriet] A splendid new building, admirably planned - ‘By an Englishman,’ interjected her son.” (*Caterina* 70)

16 “. . . a large, noisy, open marketplace where black-clad country women shouted their diverse wares. The piles of eggs, scrawny, cackling hens and lavish heaps of fruit and vegetables made him wonder about the difficulty the English troops were said to be having in feeding themselves off the countryside.” (*Whispering* 45)

17 Atual Rua do Infante D. Henrique.

18 Atual Rua 31 de Janeiro.

19 Atual Rua Mouzinho da Silveira.

20 “. . . not the town’s most elegant district”, adverte Caterina a Jeremy Craddock (*Whispering* 44); logo adiante, a zona é descrita pelo narrador como “. . . another tangle of alleyways thronged with people and overhung with grimy-looking washing.” (*Ibidem* 45)

21 Luiz reaparecerá inesperadamente em *Caterina* (127), agora como “. . . one of Dom Miguel’s most trusted advisors”, no dizer de Mrs. Emerson (*Ibidem* 143).

22 Garrett participa também no baile de máscaras realizado no Palácio dos Carrancas (*Ibidem* 134) e uma gravura de J. Vitorino Ribeiro, intitulada “Uma Sentinela Célebre”, representa o autor de *O Arco de Santana* junto à guarita, no Colégio dos Grilos (Reproduzida em Owen 282).

23 “. . . after a long day of agitated discussion, Dom Pedro ignored the advice of Palmella and Villa Flor, who wanted an immediate march on Lisbon, while the enemy was still disorganized, and followed the more cautious councils of his elderly, ailing Minister for War, Agostinho Freire.” (*Ibidem* 28)

Lewis corroborará esta divergência, ao dizer: “Some of us did wish to go on, while we had them on the run, but more cautious councils have prevailed. Sometimes I wish the duke had left his band of greybeard councillors behind on Terceira” (*Ibidem* 56).

24 “‘My last song is one I have composed myself for the occasion,’ . . . It tells of Sebastian, the lost king, and how he will come again to place a crown on the head of Maria da Gloria [sic], God bless her.” (*Ibidem* 239)

25 “This cartoon was entirely flattering to the duke. Caterina had dressed him in the warrior outfit normally associated with Sebastian, the lost crusader king of Portugal, and given him just a hint of a halo. He had his daughter by the hand, and together they were trampling underfoot a dragon with Miguel’s face.” (*Ibidem* 241)

26 Cf. o seguinte diálogo entre Greville Faulkes e Frank Ware: “I don’t at all like the feeling of divided councils around Dom Pedro. Did you hear the shouts for Saldanha when they marched into town yesterday? He is going to be sadly missed, I’m afraid. Now there was a man who made up his mind and stuck to it. I suppose you hardly remember back to when he was governor here in Porto, Frank? I cannot understand why he’s not at the Liberator’s side. He’s badly needed there” (*Ibidem* 30).

27 Como nota Jeremy Craddock, “. . . I had heard that the British tend to keep themselves rather to themselves in Oporto. But neither of our countries has so many allies against Napoleon that we can afford to affront each other. I do beg that you [Caterina] will try to think of yourself as British as well as Portuguese” (*Whispering* 25). A própria Caterina reconhecerá: “It makes social intercourse a little difficult” (*Ibidem* 37). E, dirigindo-se a Frank Ware: “You do rather keep yourselves to yourselves . . . and behave as if the world were your oyster” (*Ibidem* 138).

28 “A small, unimportant far-off ally”, na desencantada expressão de Caterina (*Whispering* 24). A opinião mais contundente provém de Luiz, para quem “They care only for their own interests, those British. They let us shed our blood, and destroy our houses, and starve, while he [Wellington] hunts his foxhounds across our ruined fields” (*Ibidem* 206).

29 “‘Why do you say Oporto when Caterina says Porto?’ asked Harriet.

‘She is right and I am wrong,’ Jeremy told her. ‘Porto is the Portuguese name for the city. It means port, of course. It’s only we English who have tagged on the ‘O’ from the Portuguese for “the”.’” (*Ibidem* 12)

30 “Frank Ware had been across the river at Villa Nova de Gaia for a gloomy look at the disused family wine vaults that should have been a scene of so much activity at this time of year. Built into the slope of the hill close under the Serra Monastery, the wine lodges had been used as barracks by the French during the short time they had held Porto in 1809, and repairing the damage they had caused had broken his father’s heart . . . , as well as going near to bankrupting him. But at least Mr Ware senior was not alive now to realise what a serious mistake he had made in selling the vineyards . . . near Porto in order to invest extensively in the new lands . . . opened by the clearing of the dangerous rapids at Cachao [sic] de Valeira on the Upper Douro. The land up near the border had been cheap, the conditions for growing the port grape admirable; how was his father to know that the area would be a battlefield one day? But now it meant that whereas other firms that had kept their vineyards on the Lower Douro were still in business . . . , his own company was at a complete standstill, with maintenance of the huge, cool cellars in the hillside slowly eating away at what capital remained.” (*Whispering* 105)

³¹ “. . . a literatura inglesa tem sido . . . muito pouco atreita a um formalismo normalizante, isto é, à criação de ‘composições literárias’ segundo as regras teóricas previamente aceites. [sic] . . . a imaginação britânica ocupou-se sempre, com muita liberdade e despreendida audácia, em alterar, a seu bel-prazer, os limites dos géneros Todavia, esta liberdade . . . por forma alguma deve ser entendida como uma irresponsabilidade de literatos amadores em relação às obras que projectem ou realizem.... Por isso, é muito difícil supor que os ficcionistas ingleses tenham pensado, ao dedicarem-se a escrever uma obra, se estavam a escrever um conto mais longo, uma novela, ou um romance breve. O que todos indubitavelmente pensaram é que lhes importava contar bem, nas dimensões e na estrutura mais adequada, a história (ou ausência dela) que se propunham contar.” (73-4)

32 Na nota de apresentação da autora pode ler-se: “Aiken Hodge is known for her works of historical **romance**. In a career spanning nearly fifty years, she published over thirty **novels**, . . .” (*Only a Novel*: n. pag; negritos nossos).